

# O que foi feito devera: a imagem no projeto gráfico dos LPs do Clube da Esquina

*Rogério de Souza e Silva*

## INTRODUÇÃO

O Clube da Esquina foi um movimento musical e uma reunião de talentos que durante a década de 1970 chamou a atenção de todo o Brasil, num momento particularmente difícil para a cena artística brasileira.

Este texto é, sobretudo, uma homenagem que busca preencher algumas lacunas para que se possa ter uma visão global do que foi aquele contexto musical. Além disso, no que concerne ao design das capas de disco, tem-se como objetivo analisar as imagens que as constituíram. Foi levado em consideração principalmente o chamado “design pictorial”, sobre o qual chama a atenção o autor Chico Homem de Melo (2008), ao se referir ao processo de construção de imagens que utiliza a fotografia ou a ilustração a fim de conseguir transmitir determinada mensagem junto à obra gráfica. É esse design pictorial que conseguiu transmitir mensagens visuais de contracultura, da negritude brasileira, do psicodelismo e, sobretudo, da liberdade; conceitos tão caros ao Clube da Esquina.

Pelo fato de a discografia dos integrantes ser bastante extensa, foram escolhidos alguns de seus principais trabalhos, agrupados por apresentarem a fotografia e a ilustração como suporte para representação, apropriação e ressignificação de elementos na composição visual das capas. O recorte temporal para a análise das imagens tratadas no texto se localiza entre os anos de 1970 e 1985.

Para informações sobre as origens e a trajetória dos membros do grupo, foi fonte de pesquisa o livro de Márcio Borges, “Os sonhos não envelhecem” (1996). Além dele, foram consultados artigos como o de Heloísa Starling (2004)

1. Wagner Tiso Veiga é um músico, arranjador, regente, pianista e compositor mineiro, natural da cidade de Três Pontas, e primeiro parceiro de Milton Nascimento.
2. Pacífico Mascarenhas é um compositor mineiro adepto ao estilo musical Bossa Nova. Nos anos 1960, formou o grupo “Sambacana”, que tocava exclusivamente esse ritmo.
3. Agostinho dos Santos foi um cantor e compositor paulista de Bossa Nova.
4. Fernando Brant foi um compositor belo-horizontino e um dos principais parceiros de Milton Nascimento.
5. Ronaldo Bastos é compositor, poeta e artista gráfico carioca. Parceiro de Milton Nascimento em dezenas de músicas.
6. Nelson Ângelo é cantor, compositor e instrumentista mineiro. Nos anos 1970 compôs com Milton Nascimento e a cantora carioca Joyce, então sua esposa. Montou também o grupo “A Tribo” que tinha como integrantes, além dele, Joyce, Toninho Horta e Novelli.
7. Murilo Antunes é poeta, compositor e publicitário brasileiro. É um dos letristas do Clube da Esquina.

sobre o Clube da Esquina no contexto do período ditatorial, teses e dissertações, como as de Sheila Diniz (2012) e Valéria Nanci M. Santana (2018), que tratam da análise das capas de disco do grupo, entre outros textos.

Além dos registros bibliográficos, foram pesquisados sites de colecionadores que cederam imagens e fonogramas de álbuns raros e que foram de inestimável ajuda para se chegar a uma discografia o mais completa possível. Além disso, também foram vistas inúmeras horas de entrevistas de artistas como Milton Nascimento, Toninho Horta, Lô Borges e Márcio Borges, Flávio Venturini e Wagner Tiso.

### AS FORMAÇÕES DO CLUBE DA ESQUINA

O Clube da Esquina pode ser definido como um encontro musical de cantores, compositores, músicos e arranjadores com um propósito comum de fazer uma música com personalidade marcante que misturou diversos estilos regionais, nacionais e internacionais (DINIZ, 2012; SANTANA, 2018; TEDESCO, 2000).

Entre os importantes encontros do Clube da Esquina, talvez o primeiro tenha sido ainda na infância em Três Pontas, cidade do interior de Minas Gerais, quando Milton Nascimento e Wagner Tiso<sup>1</sup> deram juntos seus primeiros passos no mundo musical. Importante personalidade também foi Pacífico Mascarenhas<sup>2</sup>, que os mineiros conheceram em Belo Horizonte e que os convidou a gravar como integrantes do grupo de Bossa Nova Sambacana. Outro marcante momento aconteceu quando Agostinho dos Santos<sup>3</sup> (1932-1973) inscreveu Milton Nascimento no II Festival Internacional da Canção em 1967. Além desses, a aproximação com a família Borges no Edifício Levy na capital mineira, e as parcerias dali decorrentes, como as com Fernando Brant (1946-2015)<sup>4</sup>, Ronaldo Bastos<sup>5</sup>, Nelson Ângelo<sup>6</sup>, entre outros.

Todos esses momentos tornaram possível a realização daquilo que ficaria conhecido como o Clube da Esquina. A pesquisadora Cybelle Tedesco (2000) cita a definição dada pelo músico Murilo Antunes<sup>7</sup> na contracapa do livro “Os sonhos não envelhecem” (1996) de Márcio Borges como:

[...] uma entidade imaginária, lúdica, composta por pessoas que tiveram como amálgama, a música. “Entidade imaginária” é uma excelente definição para o Clube da Esquina, já que nunca houve um clube de fato, ou pessoas oficialmente associadas (TEDESCO, 2000, p. 16).

Os irmãos Lô Borges<sup>8</sup> e Márcio Borges<sup>9</sup> contam ainda que o nome “Clube da Esquina” tem várias origens<sup>10</sup>. Uma delas é o fato de que Lô, enquanto ainda adolescente, encontrava seus amigos de rua na esquina das ruas Divinópolis e Paraisópolis, no bairro de Santa Tereza em Belo Horizonte. Ali apenas os amigos de uma geração mais nova conviviam, enquanto os “mais velhos”, Milton Nascimento, Wagner Tiso e Márcio Borges, se encontravam em bares e já tocavam na noite. Para os garotos, que não tinham dinheiro para frequentar os bailes dançantes nos clubes da cidade, a esquina era o seu clube.

Milton Nascimento, em entrevista ao programa “O som do vinil”<sup>11</sup> (2018), reforça que certa vez, chegando à casa dos Borges, encontrou Lô Borges dedilhando no violão, naquela esquina, uma música de sua autoria. Percebendo o potencial daquela música, pediu para continuarem a compor na casa dos Borges. A letra foi terminada juntamente com Márcio Borges e, depois de pronta, a composição recebeu também o nome de “Clube da Esquina”.

A música “Clube da Esquina” e várias outras em parceria com os irmãos Borges, Fernando Brant e Ronaldo Bastos foram gravadas pela primeira vez no LP “Milton” de 1970, com a companhia dos músicos que fariam parte dessa reunião de talentos.

A partir daí, o Clube da Esquina, usado para designar o coletivo musical feito a partir desse encontro de artistas, ganhou renome nacional e internacional, depois do lançamento dos discos homônimos, volumes I e II, em 1972 e 1978, bem como dos LPs individuais de seus integrantes.

Nas temáticas presentes na discografia do grupo, é possível identificar elementos da contracultura e da resistência ao regime ditatorial<sup>12</sup>, o que fez com que algumas músicas fossem proibidas pela censura. Em outras, a mensagem oculta na poética de suas letras resiste ao tempo, mantendo-se sempre atual: “Tenha fé no nosso povo que ele acorda”<sup>13</sup>. A identidade latino-americana também está presente na aproximação e empatia com a resistência das nações vizinhas que também se encontravam sob o regime militar, em canções como “San

8. Salomão Borges Filho, conhecido como Lô Borges, é cantor, compositor e músico belo-horizontino. Seu nome ficou intimamente ligado ao Clube da Esquina após a gravação em 1972 do LP com o mesmo nome do movimento musical.

9. Márcio Borges é irmão de Lô Borges, e juntamente com Fernando Brant e Ronaldo Bastos, é um dos maiores parceiros de Milton Nascimento e Lô Borges.

10. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=&t=345s>. Acesso em: 10 maio 2019.

11. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n8RT2KkHK5w&list=PLSCAW7bhVHLW4Ft9Ivs31dixVdW1wHwST&index=43&t=2s>.

12. Entre os anos 1964 e 1985, o Brasil foi governado por uma junta que instaurou a Ditadura Civil-Militar.

13. Trecho da música “Credo” (Milton Nascimento – Fernando Brant).

14.  
Trecho da música  
“San Vicente” (Milton  
Nascimento-Fernando Brant).
15.  
Trecho da música  
“Ponta de Areia” (Milton  
Nascimento-Fernando Brant).
16.  
“Trem de doido”: música de  
Lô Borges e Márcio Borges.
17.  
Tavinho Moura é  
compositor mineiro da  
geração do Clube da  
Esquina, natural de Juiz  
de Fora.
18.  
Trecho da música “Paixão  
e Fé” (Tavinho Moura-  
Fernando Brant).
19.  
Cerimônia de premiação  
da “Academia Nacional  
de Artes e Ciências de  
Gravação” (do inglês  
The National Academy  
of Recording Arts and  
Sciences - NARAS) dos  
Estados Unidos, que  
contempla anualmente os  
profissionais e destaques  
da indústria musical com o  
prêmio Grammy.
20.  
Alberto de Castro  
Guedes, conhecido como  
Beto Guedes, é cantor,  
compositor e multi-  
instrumentista mineiro,  
natural da cidade de  
Montes Claros.
21.  
Antônio Maurício Horta de  
Melo, ou Toninho Horta,  
é cantor, compositor e  
instrumentista mineiro,  
natural de Belo Horizonte.
22.  
Grupo com influência  
do Rock Progressivo que  
acompanhou Milton  
Nascimento nos anos >

Vicente” (Milton Nascimento-Fernando Brant): “Coração americano, um sabor de vidro e corte<sup>14</sup>”.

Outras canções versam sobre características regionais da mineiridade, como o trem “que levava Minas ao porto, ao mar<sup>15</sup>” ou o “Trem de doido<sup>16</sup>” (Lô Borges-Márcio Borges), expressão genuinamente mineira, usada para explicitar o espanto com alguma coisa.

Há também a religiosidade de nossa raiz histórica barroca em Tavinho Moura<sup>17</sup>: “[...] Velejar, velejei, no mar do Senhor. Lá eu vi a fé e a paixão [...]”<sup>18</sup>, e ainda a busca da liberdade ganhando as estradas como no “Trem Azul” de Lô Borges ou no jipe de “Manoel o Audaz”, de Toninho Horta. Aliás, este foi um dos grandes responsáveis, junto com Wagner Tiso, por trazer o Jazz e incorporar esse ingrediente ao Clube da Esquina em tantos momentos, tais como em “Beijo partido” (Toninho Horta) ou nos instrumentais de “Vera Cruz” (Milton Nascimento-Márcio Borges).

Todos esses elementos se misturaram para formar um estilo que, não podendo ser definido, levou os realizadores do Grammy<sup>19</sup> a criarem o termo *World Music*, categoria que já premiou vários dos integrantes do Clube da Esquina.

## DISCOGRAFIA

Para se chegar a um escopo que pudesse contemplar todas as principais obras e seus integrantes, foram consultadas diversas fontes escritas de pesquisadores da MPB, além de informações advindas de colecionadores e apreciadores da música brasileira.

Por meio de pesquisa bibliográfica, iconográfica e de registros fonográficos, chegou-se a uma relação dos nomes que podem ser classificados como “membros” do Clube da Esquina, pela frequência com que aparecem de forma coletiva nos diversos álbuns, sejam como intérpretes, compositores ou músicos. São eles: Milton Nascimento, Lô Borges, Márcio Borges, Fernando Brant, Ronaldo Bastos, Beto Guedes<sup>20</sup>, Toninho Horta<sup>21</sup>, o grupo “Som Imaginário”<sup>22</sup> (composto por Wagner Tiso, Tavito (1948-2019)<sup>23</sup>, Luiz Alves<sup>24</sup>, Robertinho Silva<sup>25</sup>, Frederica<sup>26</sup>), Novelli<sup>27</sup>, Nelson Ângelo<sup>28</sup>, Naná Vasconcelos (1944-2016)<sup>29</sup>, Flávio Venturini<sup>30</sup>, Nivaldo Ornelas<sup>31</sup> e Tavinho Moura, além de outras participações e convidados.

### Antes da Esquina: 1970-1971



### O Clube: 1972-1985



### Dobrando a esquina (compilações e homenagens) - após 1985



Figura 1: capas de LPs dos integrantes do Clube da Esquina (1970-2016).

Fonte: Nosso século: vol. 9 (1960-1980). Abril Cultural, 1980 (adaptado pelo autor).

O período cronológico dos álbuns analisados é o compreendido entre 1970 e 1985. Esse recorte temporal se dá por abarcar o lançamento do álbum “Milton” (1970) no qual aparecem, pela primeira vez reunidos, os artistas citados, e os álbuns do ano de 1985, devido ao momento político histórico (o fim da Ditadura Civil-Militar), que é também um marco importante na obra do Clube da Esquina. Além desses, o quadro ilustrativo (Figura 1) mostra as principais compilações, edições comemorativas e homenagens ao Clube da Esquina após o ano de 1985.

› 1970 e lançou três LPs. Os músicos que participaram nas diferentes formações foram: Wagner Tiso: piano; Luiz Alves: baixo; Zé Rodrix (1947-2009): órgão; Tavito (1948-2019): guitarra; Frederiko: guitarra; Robertinho Silva: bateria; Chico Batera: percussão; Chiquito Braga: guitarra. Fonte: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/interprete/som-imaginario>. Acesso em: 11 maio 2022.

23. Luiz Otávio de Melo Carvalho, mais conhecido como Tavito, foi um cantor, compositor e instrumentista belo-horizontino, ex-integrante do grupo “Som imaginário” e autor das músicas “Rua Ramallete” (Tavito-Ney Azambuja) e “Casa no Campo” (Tavito – Zé Rodrix).

24. Luiz Alves é contrabaixista e compositor carioca. Ex-integrante do “Som imaginário”, tocou nos LPs Clube da Esquina, Milagre dos Peixes, entre outros.

25. Robertinho Silva é um baterista e percussionista carioca. Tocou na maior parte dos discos do Clube da Esquina.

26. Frederico Mendonça de Oliveira, Frederyko ou Fredera é um músico carioca. Foi guitarrista do grupo “Som imaginário” e tocou em vários discos do Clube da Esquina.

27.  
Djair de Barros Silva,  
conhecido como  
Novelli, é compositor,  
cantor e instrumentista  
pernambucano. Compôs  
diversas músicas  
interpretadas por  
membros do Clube  
da Esquina.
28.  
Nelson Ângelo é um  
compositor e músico  
natural de Belo Horizonte.  
Foi membro do grupo “A  
Tribo”. Suas composições  
foram gravadas por Joyce,  
Milton Nascimento,  
entre outros.
29.  
Juvenal de Holanda  
Vasconcelos,  
conhecido como Naná  
Vasconcelos, foi um  
músico percussionista  
pernambucano. Gravou  
com o Clube da Esquina e  
ganhou diversos prêmios  
durante sua carreira,  
entre eles o Grammy  
e o prêmio de melhor  
percussionista do mundo  
pela revista norte-  
americana Down Beat.
30.  
Flávio Venturini é  
cantor, compositor e  
instrumentista, natural  
de Belo Horizonte. Ex-  
integrante dos grupos “O  
Terço” e “14 Bis”.
31.  
Nivaldo Lima Ornelas é  
saxofonista, flautista e  
arranjador natural de  
Belo Horizonte.

## ANTES DA ESQUINA: OS ANOS 1960

Para localizar os elementos que motivaram a reunião musical conhecida como o Clube da Esquina é necessário olhar para a década que o antecedeu e a rápida transformação ocorrida em todas as formas de expressão artística, no Brasil e no mundo.

A década de 1960 no Brasil foi marcada por promessas de um grande e próspero futuro após o governo populista de Juscelino Kubitschek (1902-1976). Esperança e otimismo eram representados pela construção de Brasília e sua moderníssima arquitetura, pela poesia concreta dos irmãos Campos, pelo Cinema Novo, pelos concursos de Miss Universo ou pela Copa do Mundo de Futebol vencida em 1958. Tudo parecia levar a um Brasil de prosperidade e felicidade. No entanto, essa primeira metade da década já começava a mostrar que a expectativa otimista que se tinha era por demais ingênua.

Em 1963, o presidente norte-americano John F. Kennedy (1917-1963) foi assassinado a tiros em Dalas, no Texas, e seu sucessor Lyndon Johnson (1908-1973) iniciou a intervenção militar em larga escala no Vietnã. Essa guerra se estendeu até a década seguinte, deixando marcas profundas na sociedade mundial.

No Brasil, o governo de Jânio Quadros (1917-1992), que tomou posse em 31 de janeiro de 1961, não resistiu por mais de seis meses. Em agosto do mesmo ano, Jânio Quadros renunciou e o vice-presidente João Goulart (1918-1976) subiu ao poder, dando início a um conturbado governo que terminou com sua deposição por uma junta militar em 1964.

## O CLUBE DA ESQUINA E OS ANOS 1970

Em 1970, Milton Nascimento lançou seu terceiro álbum com composições em parceria com Lô e Márcio Borges, Fernando Brant, Ronaldo Bastos e Toninho Horta. Seu estilo, notadamente com influências de Beatles e do Jazz, marca o início das gravações do Clube da Esquina. Nesse ano, o Brasil estava sob o jugo do Ato institucional número 5 (AI-5), que restringiu as liberdades individuais e manteve a produção artística sob o controle da censura. Neste contexto, a resistência cultural à ditadura foi uma das características visíveis na extensa obra dos artistas do Clube.

A historiadora Heloísa Starling (2004) observa que nesse período, como forma de referência ao regime ditatorial, tornou-se recorrente o uso metafórico do termo “Noite” nas composições do grupo. Sob sua análise, diferente da noite cantada pela Bossa Nova, o termo aqui tem a conotação dos tempos sombrios em que viviam. Já na música que deu nome ao grupo, pode-se perceber a figura de linguagem em “noite chegou outra vez, de novo na esquina os homens estão [...]” e mais adiante “[...] um grande país eu espero, espero do fundo da noite chegar”.<sup>32</sup>

Mas a história, na música, olha para um futuro melhor quando diz que “já é hora do corpo vencer a manhã e outro dia já vem [...]”. As metáforas do escuro, da noite e do sombrio se contrapõem com o dia, o sol e a luz, significando a resistência e a esperança de um futuro menos sombrio: “[...] resistindo na boca da noite um gosto de sol”<sup>33</sup>. A historiadora descreve essa “noite” do Clube da Esquina poeticamente:

Uma noite, porém, que não é lírica como nos tempos da Bossa Nova, não serve de consolo para amores curtos nem orienta um impulso de boemia. Diferente das noites tropicalistas, também não se associa ao fato da urbanização e do consumo, não transforma a lua em signo da modernização. Tampouco se trata de uma noite trevosa – noite de suspeita, receio e medo, como a que se desenha nos versos de Chico Buarque e Gilberto Gil em Cálice. Nas canções do Clube da Esquina, o dia é a máscara da noite, e as noites são sempre noites de sentinela – noites de luto, recordação e vigília (STARLING, 2004, p. 226).

A vigília sugerida por Starling tinha seus motivos em um momento em que qualquer obra artística deveria ser submetida a uma avaliação prévia da censura. O álbum “Milagre dos Peixes” (1973) teve várias músicas censuradas, o que obrigou Milton Nascimento a lançar o disco com apenas três faixas com letra. O álbum acabou por se tornar o trabalho mais experimental do artista, que usou suas modulações vocais e falsetes como recurso sonoro em substituição às letras vetadas.

Além das letras com conotação crítica à política, a própria postura estética do grupo era alvo de críticas e preconceitos. Lô Borges comentou em entrevista que, naquela época, qualquer um poderia ser revistado na rua apenas por ter cabelo comprido. A pesquisadora Maria Beatriz Moreira

32. Trechos da letra de “Clube da Esquina” (M. Nascimento - Lô Borges - Márcio Borges).

33. Trecho da letra de “Nada Será Como Antes” (M. Nascimento - Ronaldo Bastos).

(2011) explica que elementos de contracultura, do movimento hippie, fizeram parte das características visuais e ideológicas dos membros do Clube da Esquina, como também da juventude que adotou esse estilo de vida:

Como ao redor do mundo, a contracultura no Brasil também foi um movimento de contestação que se manifestou, sobretudo, dentre a juventude do país. A crítica da geração pós-tropicalista poderia não partir de temas claramente políticos, mas mesmo assim não deixou de ter uma atitude militante, pois seu principal alvo de ataque era o sistema (MOREIRA, 2011, p. 14).

A década de 1970 foi um momento em que a música brasileira se sofisticou, e tanto a qualidade sonora e musical quanto as capas dos discos acompanharam essa evolução.

#### PROJETO GRÁFICO DAS CAPAS DO CLUBE DA ESQUINA

A experiência da audição de um disco de vinil é multissensorial. O primeiro elemento motivador talvez fosse dado por uma música tocada no rádio, aguçando o desejo de possuir aquela obra específica. Seguiu-se a ansiedade de ir até a loja e tomar o LP nas mãos, admirar sua capa e contracapa.

No caso dos álbuns do Clube da Esquina, outras experiências se davam além da audição das músicas. Ao contrário dos discos da década de 1960, os álbuns receberam atenção especial ao projeto gráfico, de forma que toda a obra se transformava em um objeto de valor afetivo em sua materialidade.

Sobre a parte gráfica, ao observar as diversas capas do Clube da Esquina, já mostrados na Figura 1, não se percebe preocupação com a padronização do estilo visual, como no caso das capas da gravadora “Elenco” nos anos 1960 ou mesmo da tríade da Tropicália em 1968<sup>34</sup>. Cada capa tem um diálogo direto com a obra a que está ligada. Talvez o ponto em comum que elas mantenham esteja mais relacionado ao estilo pessoal dos membros, como cabelos longos, a vestimenta que remete ao movimento hippie, os desenhos como ilustração, a presença da cultura negra e os diversos elementos que conferem características de “mineiridade”, como a paisagem e o estilo barroco.

Também relacionado ao projeto gráfico, a tipografia utilizada não seguiu um padrão. Cada título e cada nome constitui

34. Assunto abordado por Chico Homem de Melo (org.) na obra “O Design gráfico brasileiro: anos 60”, Cosac Naify, 2008.



uma marca individual que atende diretamente a um produto cultural específico.

Duas exceções ocorreram, no entanto. Beto Guedes, em seus LPs de 1977 a 1979, manteve uma espécie de assinatura visual representada por uma fruta (pequi) nativa da região de sua cidade natal, Montes Claros/MG, que apareceu nas capas e impressa nos selos dos discos (Figura 2), como uma referência ao selo “Apple” dos Beatles (CAYMMI, 1997).

Figura 2: à esquerda, Beto Guedes – selo do disco Amor de Índio 1978.

Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/Beto-Guedes-Amor-De-%C3%8Dndio/release/2797157](https://www.discogs.com/pt_BR/Beto-Guedes-Amor-De-%C3%8Dndio/release/2797157). Acesso em: 10 jun. 2019.



Figura 3: à direita, selo do disco The Beatles – 1968.

Fonte: <https://eil.com/shop/moreinfo.asp?catalogid=380959>. Acesso em: 15 jul. 2019.



Figura 4: selo do LP Geraes – 1976.

Fonte: <https://immb.org/album/geraes>. Acesso em: 11 maio 2022.

Milton Nascimento também fez um desenho que aparece no encarte do disco “Minas” e reaparece como capa de “Geraes” e, a partir daí, como assinatura de sua produtora. O desenho, de linhas estilizadas, representa uma montanha com um pequeno sol acima e um trenzinho com traços quase infantis. O compositor e instrumentista Novelli conta que o desenho de Milton tem inspiração direta na bandeira da cidade de Três Pontas, onde passou sua infância.

O projeto gráfico dos LPs do Clube da Esquina não tinha como responsável um único designer, pois a ideia de coletividade presente no grupo se refletia também no trabalho de criação de capas. Os artistas tinham bastante liberdade para criar e opinar, sendo que a autoria nunca era centralizada em uma só pessoa (TEDESCO, 2000).

Alguns nomes recorrentes ligados ao processo de criação visual do Clube da Esquina são: Ronaldo Batos, Carlos da Silva Filho, Hércio Mário Noguchi e Tadeu Valério.

Ronaldo Bastos, além de parceiro na composição das músicas, foi responsável por vários projetos de capas. Bastos também era artista gráfico e fundador do coletivo “Nuvem Cigana”, no qual firmou parcerias na criação de diversas capas do Clube da Esquina e de outros artistas, como explica Tedesco:

O compositor carioca Ronaldo Bastos, ao se unir ao fotógrafo pernambucano Cafí, criou um núcleo de criação chamado Nuvem Cigana, com a proposta de desenvolver projetos gráficos para capas de discos. O núcleo Nuvem Cigana foi, dentro do ambiente da cultura alternativa marginal existente no início dos anos 70 no Rio de Janeiro, uma espécie de cooperativa de jovens poetas performáticos, músicos e desenhistas, que agitava o universo poético-cultural da cidade, com a duração de aproximadamente uma década e alguns livros publicados (TEDESCO, 2000, p. 80).

Carlos da Silva A. Filho (1950-2019), ou Cafí como era conhecido, foi um fotógrafo pernambucano autor de várias fotos que ilustraram as capas dos membros do Clube da Esquina, e também participava no processo de criação.

Hércio Mário Noguchi (1937-2001), conhecido com Noguchi, foi um designer gráfico que trabalhou na coautoria de diversas capas de integrantes do Clube, inclusive do álbum “Clube da Esquina” de 1972. Seu nome aparece com frequência nos

agradecimentos dos discos dos anos 1970. Em 1973, projetou a capa mais inovadora já lançada pela indústria fonográfica brasileira até aquele momento: o LP “Milagre dos Peixes”.

Tadeu Valério foi diretor de arte da Odeon, e trabalhou também como coautor nos projetos gráficos. Seu nome está ligado ao projeto gráfico de praticamente todos os álbuns do grupo.

## IMAGEM COMO REPRESENTAÇÃO - ILUSTRAÇÕES

A imagem ilustrada manualmente é uma forma de representar uma ideia que, ao contrário da fotografia, não remete a um referente necessariamente real. A ilustração, segundo Pereira (2018), que já era bastante utilizada pela publicidade por conseguir escapar da aparência de realidade que a fotografia proporciona, aqui se torna, além de uma representação, a tradução ou interpretação imagética, que vai além da mensagem literal.

A ilustração tem como referente direto a própria imagem mental gerada pelo autor. Ela não oferece limitações físicas, já que tudo que pode ser imaginado e percebido pelos sentidos pode ser também representado em um desenho bidimensional.

No Clube da Esquina, as ilustrações se prestam à comunicação entre as diferentes linguagens expressas no disco. O texto verbal e não verbal, o som instrumental, o tangível e o intangível dialogam com as ilustrações. Pode-se dizer que as ilustrações nos LPs do Clube da Esquina foram construídas segundo conceitos de “design pictorial”, como definido pelo designer e pesquisador Chico Homem de Melo (2008). Alguns representantes dessa categoria são apresentados a seguir.

### *Som imaginário*

Tavito, um dos integrantes do conjunto “Som imaginário”, lembra que o nome do grupo foi ideia do empresário José Mynssen, que também era empresário de Milton Nascimento e tinha a preocupação de apresentar o cantor em uma nova roupagem mais pop e menos tradicionalista, distanciando-se do *smoking* que ele vinha se apresentando nos festivais de MPB (MOREIRA, 2011).

O grupo “Som imaginário” segue a tendência psicodélica que a música mundial tomou a partir da segunda metade dos anos 1960. Os elementos da contracultura são percebidos na

ilustração de Roberto Wagner. O desenho, sem preocupação com a precisão realista entre os objetos ou com a escala comparativa entre eles, representa cada um dos integrantes como um instrumento (Figuras 5 e 6). O título do primeiro LP da banda, lançado em 1970, traz apenas o nome do conjunto em tipografia de fantasia, que pode remeter tanto ao formato de fumaça de cigarro como de trilhas de cocaína, reforçando mais a referência a uma viagem alucinógena. Os instrumentos em primeiro plano ganham asas e ao fundo vê-se o céu estrelado e algumas pedras lapidadas numa referência clara à música “Lucy in the Sky with Diamonds” (1967) dos Beatles.

Figura 5: à esquerda, Som imaginário – capa (1970).

Figura 6: à direita, Som imaginário – contracapa (1970).

Fonte: acervo pessoal do autor.



35. Gilberto de Abreu é um artista plástico nascido na cidade de Espinosa/MG. Conheceu a família Borges em Belo Horizonte na década de 1960. Ilustrou capas e encartes de Beto Guedes, Lô Borges e Toninho Horta.

36. Fonte: <http://gilbertodeabreubr.blogspot.com/2015/03/sol-e-primavera-imprensa-na-praca.html>. Acesso em: 15 jun. 2019.

Seu título, traduzido como “Lucy no céu com diamantes”, causou polêmicas no ano de seu lançamento, por ter as iniciais que remetiam às letras LSD, sigla para *Lisergic Acid Dilethilamid*, uma droga psicodélica amplamente utilizada entre o meio musical contracultural da época.

### *Sol de Primavera*

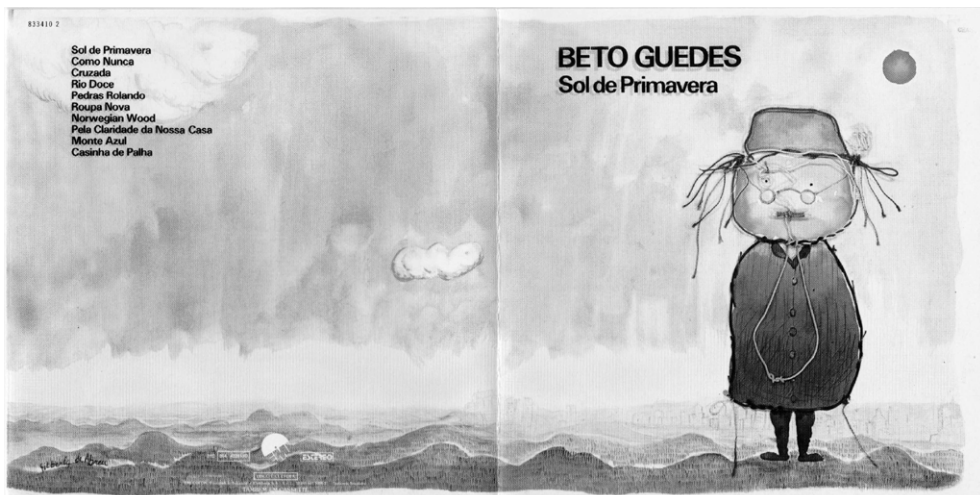
Em “Sol de Primavera” (1979), a ideia era ter, como em “Clube da Esquina” (1972), apenas a ilustração de Gilberto de Abreu<sup>35</sup>, intitulada “Meu avô cientista” (Figura 7). Esse desenho com elementos tridimensionais de dimensões de 20x25 cm já havia aparecido no encarte de “A Página do Relâmpago Elétrico” (1977)<sup>36</sup>.

Gilberto de Abreu, amigo de Beto Guedes desde a infância, construiu o pequeno boneco com arame de fios de telefone encontrados no chão próximo a um poste. O artista conta que a construção desse personagem foi simples. Composta de fios, linhas costuradas e um fundo de aquarela (que teve de ser ampliado para se adequar à capa dupla do disco), chamou a atenção do amigo Beto Guedes que quis ter a obra de Abreu compondo a capa de um de seus álbuns musicais<sup>37</sup>.

O artista conta que, dois anos depois de o desenho ter saído no encarte do LP “Página do Relâmpago Elétrico”, a esposa de Beto Guedes o procurou para perguntar se seria possível transferir o bonequinho para um suporte maior, na proporção de uma capa aberta. O artista Gilberto de Abreu concordou e três dias depois Beto Guedes e Ronaldo Bastos levaram o quadro para os estúdios da EMI-Odeon no Rio de Janeiro. A ideia de Beto Guedes de deixar apenas o desenho, sem o nome do disco ou do autor, não foi bem recebida pela gravadora, que acabou interferindo na finalização da capa.

37.

Fonte: <https://www.hojeemdia.com.br/entretenimento/gilberto-de-abreu-comemora-trajetoria-artistica-com-livro-e-exposic-o-1.355145>. Acesso em: 13 jul. 2019.



Geraes

O disco “Geraes” (1976) apresenta em sua capa a ilustração do próprio Milton Nascimento, que apareceu primeiramente como encarte do LP “Minas” de 1975. Aqui,

Figura 7: Beto Guedes – Sol de Primavera (1979).

Fonte: acervo pessoal do autor.

Milton Nascimento faz, em traços simples e minimalistas, a representação de três cumes de montanhas de Minas e o trem de ferro, outro forte símbolo da mineiridade. A ilustração de “Geraes” tem referência à bandeira da cidade de Três Pontas (Figuras 8 e 9).

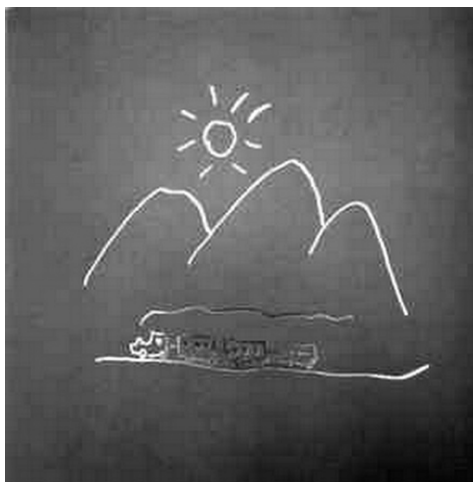


Figura 8: à esquerda, Bandeira da cidade de Três Pontas/MG.

Fonte: <http://www.trespontas.mg.gov.br/detalhe-da-materia/info/simbolos/6542>. Acesso em: 20 jun. 2019.

Figura 9: à direita, Milton Nascimento – Geraes (1976).

Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/Milton-Nascimento-Geraes/release/2388295](https://www.discogs.com/pt_BR/Milton-Nascimento-Geraes/release/2388295). Acesso em: 15 jun. 2019.

Nos anos seguintes ao lançamento do álbum, Milton Nascimento utilizou esse desenho também como assinatura, de forma a identificar tanto o autor como sua produtora.

A abertura na parte interna da capa dupla de “Geraes” revela uma foto do show que reuniu vários artistas convidados, tais como Chico Buarque, Francis Hime e Fafá de Belém, além de componentes do Clube da Esquina. Promovido na fazenda Paraíso, zona rural da cidade de Três Pontas/MG, o show ficou conhecido como “Miltonstock”, em referência ao festival de Woodstock (1969) promovido nos Estados Unidos no mesmo padrão do encontro musical de Três Pontas.

#### IMAGEM COMO REPRESENTAÇÃO – FOTOGRAFIA

##### *Clube da esquina*

O LP “Clube da Esquina” (1972) é o álbum mais emblemático do grupo. Quando foi lançado, um dos vários elementos que provocaram o estranhamento da gravadora Odeon foi o fato de a capa não apresentar o rosto dos artistas, nem seus nomes

ou título da obra. O retrato do artista na capa era prática comum na indústria fonográfica para melhor identificação do cantor pelo público. Em “Clube da Esquina” os artistas não apareciam, mas sim a fotografia de duas crianças que representavam Milton e Lô. O “problema” foi minimizado pela criação de uma contracapa composta pelo nome de Milton Nascimento e Lô Borges, o título da obra e uma foto bastante casual dos dois caminhando pelas ruas do bairro de Santa Tereza, em Belo Horizonte, em meio a crianças.

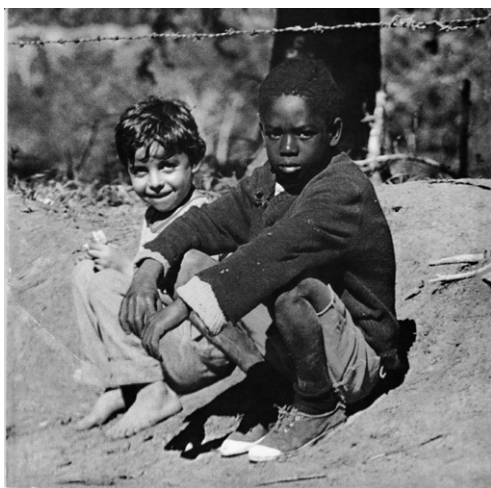
Os dois garotos da capa foram fotografados por Cafi numa estrada que levava à fazenda de Ronaldo Bastos, em Nova Friburgo, e o projeto da contracapa é do designer mineiro Noguchi. A sua parte interna é composta por dezenas de fotos de todos os amigos, familiares e músicos que participaram do disco.

Simbolicamente, a imagem da capa tem as cores do Brasil, segundo o fotógrafo Cafi. Traz também a questão da mistura das raças representada pelos garotos Tonho e Cacau (Figuras 10 e 11).

Figura 10: à esquerda, Milton Nascimento; Lô Borges – Clube da Esquina – capa (1972).

Figura 11: à direita, Milton Nascimento; Lô Borges – Clube da Esquina – contracapa (1972).

Fonte: acervo pessoal do autor.



O “Clube da Esquina” abriu novas possibilidades para a música popular brasileira e para os projetos gráficos de LPs. O próprio Milton Nascimento repetiria sua linguagem minimalista, sem assinatura ou título, na capa de “Geraes” (1976) e gravaria outros discos duplos como “Milagre dos Peixes ao Vivo” (1974).

38.

Maria da Graça Costa Penna Burgos, conhecida como Gal Costa, é uma cantora baiana que começou sua carreira cantando o ritmo Bossa Nova e em 1968 se juntou à Tropicália, liderada por Gilberto Gil e Caetano Veloso.

39.

Nara Leão foi uma cantora natural do Rio de Janeiro. Foi considerada a musa da Bossa Nova. Participou também do movimento Tropicália nos anos 1960.

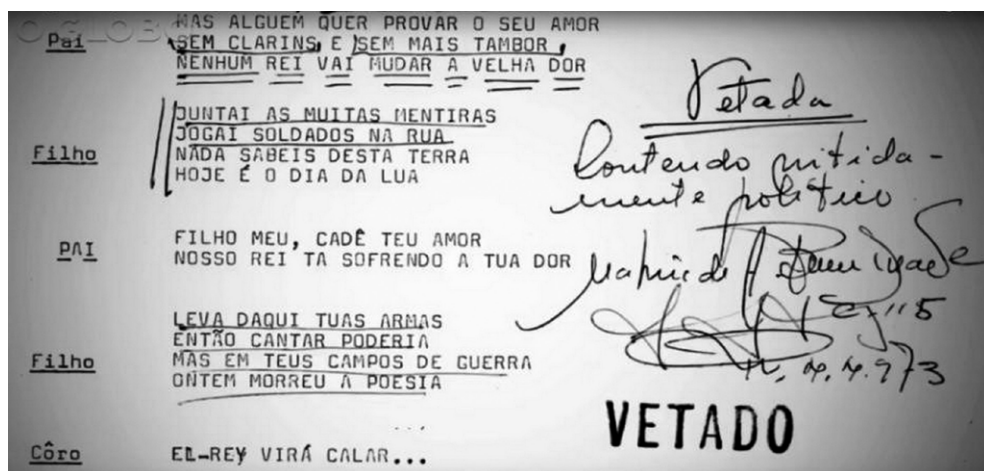
Figura 12: letra original censurada de “Hoje é dia de El Rey”.

Fonte: [https://www.youtube.com/watch?v=cnza2Ng\\_SYA](https://www.youtube.com/watch?v=cnza2Ng_SYA). Acesso em: 10 jun. 2019.

Ao contrário do que muita gente pensa, “Clube da Esquina” não foi o primeiro álbum duplo da música brasileira. Antes dele vieram “Fa-Tal - Gal a Todo Vapor” (1971) de Gal Costa<sup>38</sup> e “Dez anos depois” (1971) de Nara Leão<sup>39</sup>.

### Milagre dos Peixes

O pesquisador Luiz Maciel (2013) relata que o álbum “Milagre dos Peixes” tinha sido planejado para conter algumas músicas instrumentais com arranjos complexos e a qualidade sonora condizente com o perfeccionismo de Milton Nascimento. No entanto, nem tudo correu como previsto, tendo em vista que várias músicas foram censuradas (Figura 12). Mesmo assim, “Milagre dos Peixes” foi lançado com as letras substituídas pelas vocalizações e falsetes de Milton Nascimento, tornando-se um álbum quase exclusivamente instrumental com exceção da música que dá título ao disco, e das faixas “Pablo” e “Sacramento”. Apesar de ser um álbum incomum, foi um dos maiores discos da música brasileira em vários sentidos.



Das 11 faixas selecionadas para o álbum, Milton já havia decidido gravar cinco com a melodia sem letra, mas viu esse número crescer subitamente para oito por causa dos vetos da censura, dando a Milagre dos Peixes um caráter ainda mais instrumental (MACIEL, 2013, p. 287).





O teor experimental do álbum vai além da obra musical. Depois de “Clube da Esquina”, “Milagre dos Peixes” é talvez o disco mais importante de Milton Nascimento e o que teve o mais ousado projeto gráfico de uma capa no Brasil até então.

Feita por Noguchi, a capa apresenta referência ao ciclo da vida e faz uso de tipografia em formato circular que remete a um cardume formado por finas letras. No verso há a fotografia de uma mão em detalhe que é revelada inteiramente quando a capa se abre, formando um pôster (Figura 13 e 14). Barat e Diniz (2016) explicam o conceito desse projeto:

[...] a capa de Milagre dos peixes, de Milton Nascimento, trabalha o contraste do preto e branco na fotografia em close de uma mão. Ao desdobrar o encarte do disco, descobrimos que a mão nina um bebê; no verso vemos a figura de Milton ainda menino, vestido de marinheiro. Portanto, a mão estampada na embalagem é também a mão que embala a criança, o que cria um jogo subjetivo riquíssimo que se revela com o desdobramento da capa. O título, composto visualmente de forma circular, simboliza o ciclo da vida. Em contraponto à predominância do preto e branco, as folhas coloridas contendo

Figura 13 e 14: capa aberta (parte externa e interna) de Milagre dos Peixes – 1973.

Fonte: <https://www.jazzecompanhiadiscos.com.br/produtos/lp-vinil-milton-nascimento-milagre-dos-peixes-capa-poster-com-encartes/>. Acesso em: 11 maio 2022.

as fichas técnicas das músicas formam um arco íris. O layout geral do disco lembra a letra da canção homônima, Milagre dos peixes (BARAT; DINIZ, 2016, p. 7).

Além das surpreendentes capa e contracapa, “Milagre dos Peixes” contou ainda com várias páginas coloridas encartadas com as letras das músicas e fichas técnicas. Foi, até aquele momento, a mais completa ficha técnica de um álbum da indústria fonográfica brasileira<sup>40</sup>.

40.

Fonte: VICTOR, José.

Inimitável: Milton Nascimento – “Milagre dos Peixes” (1973). Disponível em: <http://crushemhifi.com.br/inimitavel-milton-nascimento-milagre-dos-peixes-1973/>. Acesso em: 20 abr. 2019.

### APROPRIAÇÕES E RESSIGNIFICAÇÕES

Afonso de Romano Sant’anna (1988) descreve a técnica da apropriação praticada na literatura e nas artes plásticas, segundo o autor, o termo foi utilizado pelas experiências dadaístas a partir de 1916 e consistia na reunião de objetos diversos, encontráveis no cotidiano, para a confecção de um objeto artístico. O historiador Rafael Cardoso (2012) descreve a ressignificação de artefatos como um deslocamento do objeto de sua função original e consequentemente a atribuição a este objeto de novos significados e valores afetivos. No que concerne às capas de disco, esses objetos deslocados assumiram significados no projeto gráfico, o que conferiu a essas capas o estatuto de obras artísticas e de objetos colecionáveis.

#### *O Disco do Tênis*

Essa apropriação também ocorre na capa do disco “Lô Borges” de 1972, que ficou conhecido como “Disco do Tênis”. O próprio compositor conta que o sucesso do LP “Clube da Esquina” levou ao convite da gravadora Odeon para que ele lançasse seu primeiro disco solo. As composições eram, muitas vezes, feitas durante o dia ao mesmo tempo em que o disco era gravado na parte da noite.

Ao final do trabalho intenso das gravações, Lô Borges teve a ideia da capa. Com fotografia de Cafi e projeto gráfico de Ronaldo Bastos, a capa é composta pelo tênis usado, dado por um primo do artista. Ele tem os cadarços substituídos por barbantes e representa o espírito e a atitude libertária que o autor se propunha, no sentido de “pôr o pé na estrada” e se livrar, por algum tempo, do esquema acachapante imposto



por uma grande gravadora. A Odeon em princípio mostrou resistência, pois pela segunda vez Cafi apresentava uma capa que não mostrava o rosto do artista<sup>41</sup>. Ela tem apenas o par de tênis e o nome “Lô Borges” em tipografia sem serifa, na parte superior esquerda. A contracapa tem a imagem do cantor sentado em uma cadeira em uma via pública, foto que se repete no pôster interno de um lado, e letras das músicas manuscritas por Márcio Borges no verso (Figuras 15 e 16).

#### A Página do Relâmpago Elétrico

O álbum de estreia de Beto Guedes, em 1977, foi chamado de “A Página do Relâmpago Elétrico”, nome da música que abre o disco, feita em parceria com Ronaldo Bastos. Aliás, foi este quem sugeriu o título, depois de ter visto no álbum de um colecionador de fotos de aviões a imagem de um avião chamado *Electric Lightning* ou Relâmpago Elétrico. Beto Guedes, que era um fanático por aeromodelismo, adorou a sugestão<sup>42</sup>.

A imagem da capa é explicada por Santana (2018) como mais uma crítica ao regime militar. A foto da capa foi a resignificação de uma foto de documento 3x4 que remete às fotografias de identificação feitas pela polícia para “fichar” os presos políticos ou mesmo jovens detidos por uso de drogas.

A capa mostra Beto Guedes bem jovem numa foto que preservou os amassados e furos de grampeador, indício de que

Figura 15: à esquerda, Lô Borges – Disco do Tênis – capa (1972).

Figura 16: à direita, Disco do Tênis – contracapa (1972).

Fonte: acervo pessoal do autor (2019).

41. Lô Borges e o “Disco do Tênis”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yd7EeLILBzk>. Acesso em: 20 jun. 2019.

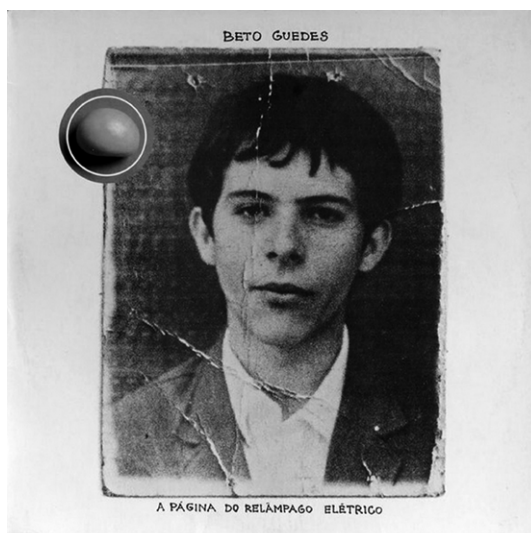
42. Fonte: <http://www.funarte.gov.br/wp-content/uploads/2009/12/EF70-Beto-Guedes.pdf>.

um dia ela foi realmente utilizada como identificação em sua primeira carteira de identidade (SANTANA, 2018).

A tipografia remete à letra de forma escrita à mão, a cor creme do fundo à de papel antigo. Ao lado esquerdo da foto, está o selo do pequi, que reapareceria em outros álbuns do artista (Figura 17).

Figura 17: Beto Guedes –  
A página do relâmpago  
elétrico (1977).

Fonte: <http://www.betoguedes.com.br/album/a-pagina-do-relampago-eletrico-1977/>.  
Acesso em: 8 jun. 2019.



### *Clube da Esquina 2*

O disco “Clube da Esquina 2” (1978) novamente traz uma imagem de crianças. Desta vez, Ronaldo Bastos foi responsável pela criação da capa e escolheu a foto que viu num cartão

Figura 18: Frank Meadow  
Sutcliffe – Stern  
Reality (1888).

Fonte: [http://www.sutcliffe-gallery.co.uk/\\_photo\\_3197882.html](http://www.sutcliffe-gallery.co.uk/_photo_3197882.html).  
Acesso em: 18 maio 2019.



postal inglês por achar que representaria bem o sentimento de grupo promovido pelo Clube da Esquina.

A imagem é de autoria do fotógrafo pictorialista Frank Meadow Sutcliffe (1853-1941), datada de 1888. Tem o título de *Stern Reality* e mostra um grupo de crianças debruçado sobre uma ponte observando algo do outro lado no cais do porto (Figura 18).

Há aqui a referência ao grupo de crianças que eram duas em 1972 e agora são várias, assim como os integrantes do Clube da Esquina que, naquele momento, já eram um grupo bem maior, composto por convidados que extrapolam (ainda mais) as fronteiras mineiras. Segundo Santana (2018), Cafi teria dito que aquela foto era a cara do Clube, o qual havia crescido depois de seis anos do lançamento do primeiro disco, com participações como Elis Regina, Chico Buarque, Francis Hime<sup>43</sup>, Joyce<sup>44</sup>, Boca Livre<sup>45</sup>, Flávio Venturini<sup>46</sup>, além dos participantes habituais.

Ainda aqui há o sutil recado de protesto para a ditadura civil-militar que ainda resistia. As várias crianças mostram suas nádegas para o observador, remetendo ao gesto infantil como forma de afronta e ao mesmo tempo de desprezo (TEDESCO, 2000).

O álbum duplo tem a foto que toma todo o espaço da capa e contracapa, com um pequeno box inclinado como um selo adesivo de bagagem com o nome do autor em caixa baixa e título “Clube da Esquina 2” em letras serifadas em caixa alta (Figura 19).



43.

Francis Hime é um cantor, compositor e instrumentista e arranjador carioca. Nos anos 1970 foi parceiro de Chico Buarque em canções de protesto à ditadura civil-militar.

44.

Joyce, atualmente conhecida como Joyce Moreno, é cantora, compositora e instrumentista carioca. Transitou por vários movimentos que vão da Bossa Nova à contracultura e movimento hippie. No início dos anos 1970, aproximou-se do Clube da Esquina como intérprete e compositora.

45.

Boca Livre é um grupo vocal e instrumental formado em 1978 por Maurício Maestro (contrabaixo e vocal), Zé Renato (violão e vocal), Cláudio Nucci (violão e vocal) e David Tygel (viola 10 cordas e vocal).

46.

Flávio Venturini é cantor, compositor e instrumentista. Foi integrante dos grupos “O Terço” e “14 Bis”.

Figura 19: Milton Nascimento – Clube da Esquina 2 (1978).

Fonte: acervo pessoal do autor.

Na parte interna, que se abre, tem-se novamente o mosaico de fotos, de amigos e participantes do disco, ideia que já havia feito parte do projeto de “Clube da Esquina” de 1972, e que dessa vez reaparece com fotos em cores.

Embora o “Clube da Esquina 2” seja uma reunião de vários compositores, músicos e intérpretes, ele é creditado unicamente a Milton Nascimento.

## CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA COMO PRODUTO CULTURAL

Enquanto muitas capas aqui apresentadas contêm com objetos ou desenhos como representação, várias outras mostram fotografias do rosto de seus artistas nas capas. Nesse segundo caso, as imagens eram posadas seguindo a linha estética da fotografia encenada<sup>47</sup>, numa representação que dialogava com a obra musical.

Emmanuel Alloa (2015) explica que certas imagens pretendem ser um simulacro de seu referente. Isso, o autor chama de “Imagem Pretendente” e explica o conceito:

O pretendente aqui não é nada além de um simulador. No lugar de contentar de permanecer em seu lugar e de não ser aquilo que ele é, ele se faz simulacro, ele faz “como se” (ele é o simul dos latinos). À diferença do substituto que suplementa a ausência do original, o pretendente visa não somente a função representante, mas pretende substituir o original, simulando o ser (ALLOA, 2015, p. 10).

Assim, as imagens pretendem ser outro “Eu”, embora sejam também a apresentação do artista no contexto daquela obra fonográfica em particular. A imagem do cantor ali não é mais um retrato pessoal, mas a construção de um personagem, um produto cultural.

A historiadora Annateresa Fabris descreve o processo de construção identitária na fotografia como algo que tem sua origem nos primeiros anos da prática fotográfica e encontra na pose seu elemento primordial:

Ao criar uma imagem ficcional, isto é, ao referir-se à pessoa, a pose permite analisar o retrato fotográfico pelo prisma do artifício, não apenas em termos técnicos, mas também pelo fato de possibilitar a construção de inúmeras máscaras que escamoteiam de vez a existência do sujeito original (FABRIS, 2004, p. 57).

47. Conhecida também como *Staged Photography*, é um estilo fotográfico surgido no século XIX em que as imagens eram inspiradas em pinturas e atores posavam em figurinos próprios e interpretavam personagens para as fotos.

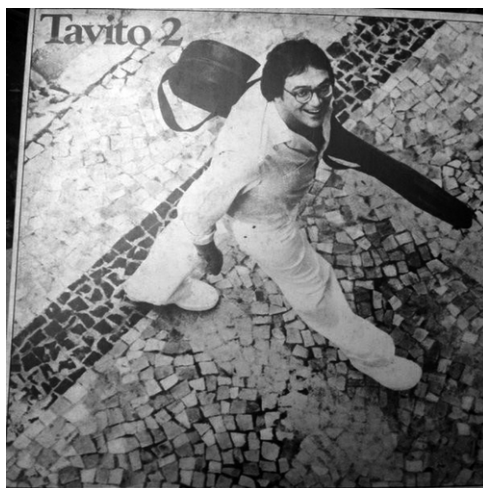
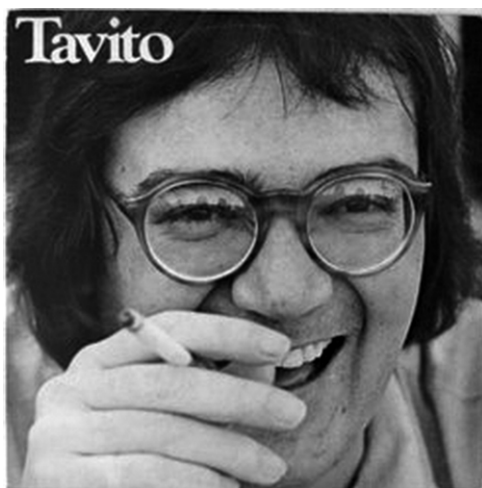
Nesse sentido, percebe-se na construção de várias capas a intenção do artista de transmitir uma mensagem a partir da criação de uma imagem de si mesmo por meio da pose e também relacionando essa imagem com objetos, vestuário ou cenários.

Assim ocorre, por exemplo, nas capas dos primeiros dois LPS de Tavito de 1979 e 1981, respectivamente. O próprio artista relata que pediu a seu amigo, o fotógrafo Bernardinho Magalhães, que tirasse uma foto que transmitisse alegria da melhor maneira possível<sup>48</sup>. Uma fotografia planejada para não parecer posada, assim foi a construção das fotos dessas capas. Além disso, objetos que pertenciam ao imaginário da época: um cigarro aceso como representante da intelectualidade artística e o violão debaixo do braço, fazendo ligação com a profissão de músico, ao mesmo tempo em que o inusitado ângulo sugere a informalidade do instantâneo. Mais uma vez, apresenta-se uma imagem encenada para parecer natural. A mesma fonte tipográfica localizada no canto superior esquerdo se repete nos dois LPS sugerindo uma continuidade e ligação entre as duas obras (Figuras 20 e 21).

48.  
Tavito – o som do vinil.  
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q0ry30sVYSM&t=793s>. Acesso em: 7 jun. 2019.

Figura 20: à esquerda, Tavito (1979).

Figura 21: à direita, Tavito 2 (1981). Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/artist/684920-Tavito](https://www.discogs.com/pt_BR/artist/684920-Tavito). Acesso em: 10 jun. 2019.



Da mesma forma, as construções para afirmação do estilo libertário hippie, do amor livre, do contato com os elementos da natureza estão presentes nas capas de Joyce e Nelson Ângelo (1972), Beto Guedes (1978) e Flávio Venturini (1981), nas Figuras 22, 23, 24, respectivamente.



Figura 22: à esquerda, Joyce e Nelson Ângelo (1972).

Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/Nelson-Angelo-E-Joyce-Nelson-Angelo-E-Joyce/release/2398840](https://www.discogs.com/pt_BR/Nelson-Angelo-E-Joyce-Nelson-Angelo-E-Joyce/release/2398840). Acesso em: 10 jun. 2019.

Figura 23: ao centro, Beto Guedes – Amor de índio (1978).

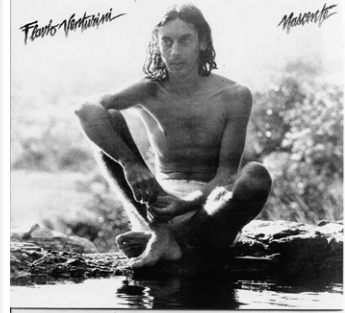
Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/Beto-Guedes-Amor-De-%C3%8Dndio/master/1096148](https://www.discogs.com/pt_BR/Beto-Guedes-Amor-De-%C3%8Dndio/master/1096148). Acesso em: 10 jun. 2019.

Figura 24: à direita, Flávio Venturini – Nascente (1981).

Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/Fl%C3%A1vio-Venturini-Nascente/release/3173578](https://www.discogs.com/pt_BR/Fl%C3%A1vio-Venturini-Nascente/release/3173578). Acesso em: 10 jun. 2019.

49.

Disco da semana – especial Novelli. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=et5wOy6cCWY>. Acesso em: 1 jun. 2019.



### Os Quatro no Banheiro

O LP coletivo de Beto Guedes, Danilo Caymmi, Novelli e Toninho Horta, de 1973, subverte duplamente o esquema seguido pelas gravadoras para capas de discos dessa época. A capa exhibe apenas o nome dos quatro como pichações em um muro e a contracapa é que tem a foto dos artistas em uma pose pouco usual, o que explica o nome informal com que o LP ficou conhecido: O Disco dos Quatro no Banheiro.

Essa foto dos integrantes, exibida na contracapa do álbum, é explicada por Novelli em entrevista ao canal online “Tropicália Discos”<sup>49</sup>:

A capa é um muro e atrás nós estamos mandando um recado pra a ditadura. Falando “você estão por fora (risos), vocês são um caso perdido”. Foi o Ronaldo Bastos que sugeriu a capa nesse lugar e a gente que sugeriu de ser filmado (sic) de cima, para pegar a gente olhando pra a câmera, com um certo deboche sim [...].

Na fotografia da contracapa, os quatro artistas estão confinados em um pequeno banheiro que remete a uma cela em que presos políticos eram mantidos. A angulação de cima para baixo (*Plongé*) é utilizada quando se intenciona transmitir opressão e diminuição dos personagens, mas seus olhares encarando a câmera desafiam o olhar superior que pretende diminuí-los (Figura 25). A força da contracapa acabou por ofuscar a capa, composta apenas pelos nomes dos quatro em estilo vernacular, que remete a pichações em um muro. As pichações nos primeiros anos da década de 1970 eram uma das formas de a juventude expressar sua indignação com o regime militar (SANTANA, 2018).





### *Terra dos pássaros*

O álbum “Terra dos pássaros”, segundo a pesquisadora Thais Nicodemo (2009), recebeu esse título por uma referência de Toninho Horta à sua guitarra recém adquirida da marca Gibson, modelo *Birdland*.

“Terra dos pássaros” tem uma capa que à primeira vista seria uma espécie de envelope de proteção azul com o nome do artista e o título do álbum escritas à mão. O círculo vazado deixa entrever as fotos impressas em outra capa interna, estilo envelope secundário. A pesquisadora Thaís Nicodemo (2009) descreve detalhes das imagens dessa capa idealizada pelo fotógrafo Cafí, o diretor de arte Tadeu Valério e o compositor e artista gráfico Ronaldo Bastos:

As fotos do disco foram feitas pelo fotógrafo pernambucano Cafí, por René Vincent e Toninho Horta. Ronaldo Bastos, Tadeu Valério e Cafí foram responsáveis pela concepção da capa ilustrada por uma foto de Toninho Horta de olhos fechados, no estúdio, sob um enfeite de bolas coloridas, que aparece ao centro do círculo que transpassa um encarte azul. Na parte interna, há fotos de músicos, amigos e paisagens (NICODEMO, 2009, p. 40).

Figura 25: Beto Guedes, Danilo Caymmi, Novelli, Toninho Horta – “Os quatro no banheiro” (1973).

Fonte: <https://woodstocksound.wordpress.com/category/clube-da-esquina/>. Acesso em: 19 abr. 2019.

Cafi, que foi responsável também pelas fotos das capas de Clube da Esquina 1 e 2, repete aqui o esquema em mosaico de fotos que lembra a composição utilizada nos dois álbuns, mantendo a referência a um trabalho coletivo de artistas (Figuras 26, 27 e 28).



Figuras 26, 27 e 28: Toninho Horta – Terra dos pássaros – capa-envelope e capa secundária (1979).

Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/Toninho-Horta-E-Orquestra-Fantasma-Terra-DosP%C3%A1ssaros/release/2389782](https://www.discogs.com/pt_BR/Toninho-Horta-E-Orquestra-Fantasma-Terra-DosP%C3%A1ssaros/release/2389782).

Acesso em: 10 jun. 2019.

50.

<https://www.youtube.com/watch?v=shIK1qmG5d4&list=PLSCAw7bhVHLW4Ft9Ivs31dixVdW1wHwST&index=33&t=72s>.

“Terra dos pássaros” foi o primeiro LP solo de Toninho Horta, depois do álbum em conjunto com Beto Guedes, Novelli e Danilo Caymmi e abriu-lhe as portas ao sucesso no Brasil e no exterior<sup>50</sup>.

#### *O LP Minas*

“Minas” (1975), que tem continuidade no LP Geraes (1976), traz na capa a foto do rosto de Milton em enquadramento que no cinema é chamado de primeiríssimo primeiro plano (PPP). Esse enquadramento que mostra as feições do personagem bem de perto é usado para comunicar traços emocionais. Aqui, a imagem de Milton é a representação, de maneira inédita até então, do negro, tanto no mercado musical como na sociedade brasileira. Vale lembrar que não era comum o negro ser mostrado tão de perto. A importância do Cafu como autor da imagem e capista na afirmação da presença do negro na MPB é relatada por Santana (2018), quando a autora diz que “[...] é cabível afirmar que Cafu colaborou para que a negritude, enquanto elemento associado à imagem do Brasil alcançasse o patamar de um dos atores principais de sua história” (SANTANA, 2018, p. 153).

Mais adiante, a pesquisadora ressalta a importância desse projeto gráfico para a afirmação da imagem do negro no cenário cultural brasileiro:

[...] foi através desse capista que os artefatos gráficos da geração mineira acabaram por representar o negro em sua força cultural e humana, o que fez dele uma referência como criador de imagens que traduziram o Brasil-Negro sob um prisma positivo (SANTANA, 2018, p. 154).

O álbum tem na capa apenas o rosto do artista e a palavra “Minas” (Figura 29) centralizada na margem superior em tipografia com serifa arredondada. O próprio Milton conta que o título do álbum foi dado pelo garoto de 12 anos, Rúbio, que percebeu que “Minas” era uma palavra formada pelas iniciais de MI-lton NAS-cimento. No encarte do disco, há um agradecimento a Rúbio pela ideia.

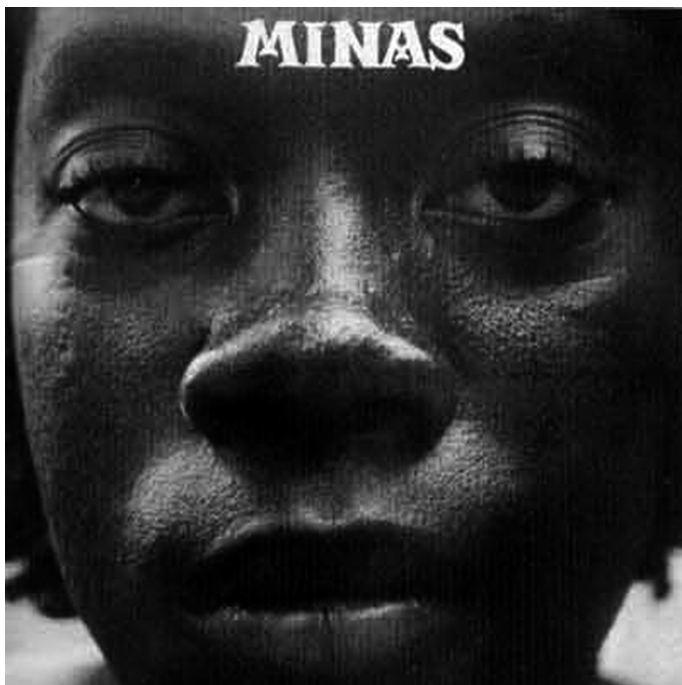


Figura 29: Milton Nascimento – Minas (1975).

Fonte: acervo pessoal do autor.

## Como vai minha aldeia

51.  
Trecho da música “Calix Bento” (Tavinho Moura).

52.  
Trecho da música “O trem tá feio” (Tavinho Moura-Murilo Antunes).

53.  
Trecho da música “Cruzada” (Tavinho Moura-Márcio Borges).

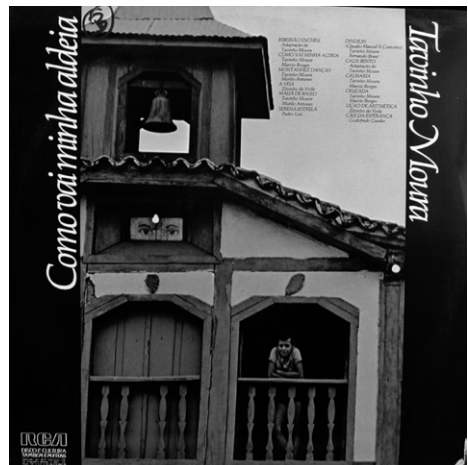
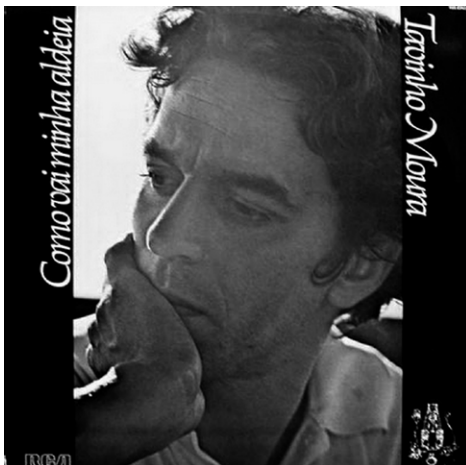
Figura 30: à esquerda, Tavinho Moura – Como vai minha aldeia – capa (1978).

Figura 31: à direita, Tavinho Moura – Como vai minha aldeia – contracapa (1978).

Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/Tavinho-Moura-Como-Vai-Minha-Aldeia/release/7472773](https://www.discogs.com/pt_BR/Tavinho-Moura-Como-Vai-Minha-Aldeia/release/7472773). Acesso em: 10 jun. 2019.

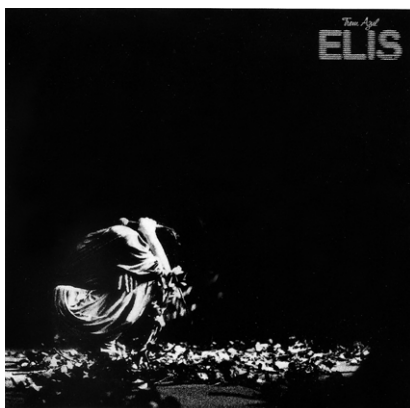
Em 1978, Tavinho Moura já havia composto músicas que foram gravadas, entre outros, por Milton Nascimento, Beto Guedes e, no ano seguinte, pelo Grupo 14 Bis. O sentido de trabalho coletivo, característico do Clube da Esquina, manteve-se nas obras desse compositor que contribuiu com características da mineiridade em suas letras, que remetem à religiosidade: “[...] onde mora o cálix bento, e a hóstia consagrada oiá meu Deus<sup>51</sup>”. Além disso, há o uso de expressões regionais: “[...] eu falei pra morena que o trem tá feio<sup>52</sup>”, e do urbano como referência ao medo e à noite: “[...] não sei andar sozinho por esta rua, sei do perigo que me rodeia pelo caminho. Não há sinal de sol e tudo me acalma no seu olhar<sup>53</sup>”. Tudo isso numa mistura de violas e arranjos e eletrificados.

A capa de “Como vai minha aldeia” traz a fotografia “sagrada” nas margens superior e inferior do compositor em uma pose como alguém pensativo com a mão apoiando o rosto e encobrindo parte da boca. Nos dois lados externos à foto, formam-se barras pretas verticais. A tipografia, bastante condensada e levemente inclinada, foi colocada verticalmente como numa lombada de livro. Ascendente do lado esquerdo da foto, contendo o título do disco, e descendente do lado direito com o nome do artista (Figura 30). Na contracapa, a mesma diagramação foi utilizada, com uma foto do detalhe da capela em estilo Barroco mineiro (Figura 31).



## Coração de Estudante

O último título da série analisada aqui é “Coração de Estudante”, de 1985, lançado por Wagner Tiso. Esse álbum já não tem o brilho e as características musicais ou estéticas do Clube da Esquina dos anos 1970. No entanto, sua escolha se dá pela música título que celebra a volta da liberdade política e o fim da Ditadura civil-militar no Brasil. “Coração de Estudante” foi largamente tocada principalmente após a morte do presidente Tancredo Neves (1910-1985) e tornou-se um hino à então frágil Nova República, recém surgida e necessitada de cuidados.



Além dessa faixa, o disco traz como convidados Milton Nascimento, Lô Borges, Beto Guedes e Toninho Horta, além do próprio Wagner Tiso interpretando a música “Clube da

Figura 32: à esquerda, Wagner Tiso: Coração de estudante – capa (1985).

Figura 33: à direita, Wagner Tiso: Coração de estudante – contracapa (1985).

Fonte: [https://www.discogs.com/pt\\_BR/Wagner-Tiso-Cora%C3%A7%C3%A3o-DeEstudante/release/3770156](https://www.discogs.com/pt_BR/Wagner-Tiso-Cora%C3%A7%C3%A3o-DeEstudante/release/3770156). Acesso em: 10 jun. 2019.

Figura 34: Elis Regina – Trem Azul (1982)

Fonte: <https://www.discogs.com/Elis-Trem-Azul/master/589475>. Acesso em: 10 jun. 2019.

55.  
Vanessa da Mata é uma cantora e compositora brasileira natural de Alto Garças, Mato Grosso.

54.  
Marjorie Dias de Oliveira, mais conhecida como Marjorie Estiano, é uma atriz, cantora, compositora e apresentadora natural de Curitiba, Paraná.

56.  
Roberta Varella de Sá é uma cantora brasileira de MPB, natural de Natal, Rio Grande do Norte.

57.  
Marina Machado é uma cantora mineira natural de Belo Horizonte.

58.  
Fernanda Takai é uma cantora e compositora brasileira natural de Serra do Navio, Amapá. Começou sua carreira artística em Belo Horizonte. É integrante do grupo Pop Pato-Fu e tem trabalhos em carreira solo.

Figura 35: à esquerda, Flores do Clube da Esquina – 2011.

Fonte: <https://www.discogs.com/Various-Flores-Do-Clube-Da-Esquina/release/11465027>. Acesso em: 15 jun. 2019.

Figura 36: à direita, Paula Santoro – Tudo será como antes (2018).

Fonte: <https://music.apple.com/us/album/tudo-ser%C3%A1-como-antes/1437070407>. Acesso em: 10 jun. 2019.

Esquina I”, um encontro memorável com arranjos dos anos 1980 repletos de teclados sintetizadores.

Se o disco tem sua importância musical por celebrar o final de um ciclo, a capa de “Coração de Estudante” (Figuras 32 e 33) tem elementos dos anos 1980 que ficaram datados, como a luz de neon, bem como os cabelos mais próximos dos grupos de Rock brasileiros e dos movimentos pop norte-americano e inglês do que da estética hippie que acompanhou o Clube da Esquina nos anos 1970.

Embora não apresentadas na seleção, muitos álbuns/home-nagens valem ser lembrados, tanto pelo projeto gráfico das capas, como pelas suas interpretações e por manterem vivos os ideais do grupo. Entre eles estão o antológico LP de Elis Regina “Trem Azul” (1982), lançamento póstumo do registro de sua última turnê e que conta com nada menos que onze das vinte faixas dedicadas a canções de integrantes do Clube da Esquina.

Esse CD tem, ainda, uma bela fotografia em preto e branco da cantora em fundo preto, em um momento de grande emoção do show (Figura 34).

Vale também citar o CD que reúne várias cantoras de gerações recentes da MPB como Marjorie Estiano<sup>54</sup>, Vanessa da Mata<sup>55</sup>, Roberta Sá<sup>56</sup>, Marina Machado<sup>57</sup>, Fernanda Takai<sup>58</sup>, Luiza Possi<sup>59</sup>, Mariana Baltar<sup>60</sup>, Ivete Sangalo<sup>61</sup>, entre outras, interpretando clássicas canções do grupo em “Flores do Clube da Esquina” (2011), mostrado na Figura 35, ou a compilação “Tudo Será Como Antes” (2018), de Paula Santoro<sup>62</sup> (Figura 36).



Esses trabalhos trazem na capa grafismos modernos em alto contraste em estilo “graffiti” ou formando um mosaico no estilo colcha de retalhos estilizada; soluções visuais bastante condizentes com a nova geração de intérpretes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente vive-se um momento paradoxal na história da indústria fonográfica. Se por um lado as novas gerações ouvem música em aplicativos de *streaming*, por outro, alguns LPs de vinil são relançados como objetos cultuados por colecionadores de diferentes gerações. A tecnologia conseguiu atingir padrões de qualidade nunca antes imaginados, ao mesmo tempo proliferaram os neófitos que buscam ouvir músicas em *Low-Fi*<sup>63</sup> com todas as imperfeições típicas da era dos discos de vinil. O fato é que, mesmo sendo relançados como objeto de desejo, os grandes discos pretos dificilmente terão o alcance que tiveram em seus anos áureos.

A capa de disco no Brasil, que começou a receber a devida atenção no final dos anos 1960, teve, nas duas décadas seguintes, seu auge. Os projetos gráficos dos anos de 1970 e 1980 foram os mais ousados de toda sua história, não devendo em nada aos projetos estrangeiros. Depois disso, muito se perdeu visual e graficamente desde que o vinil entrou em decadência nos anos 1990 e foi substituído pelo *Compact Disc* (CD).

Foi no panorama dos difíceis anos 1970 que nasceram os álbuns dos integrantes do Clube da Esquina. Foi o tempo da criação coletiva herdada do espírito hippie da época. A ousadia dos projetos gráficos está presente em vários momentos. As capas do Clube da Esquina conseguiram aquilo que Melo (2008) chama de “design pictorial” quando se pensou, intencionalmente e com ousadia, cada elemento que constaria na produção das fotografias ou nas ilustrações dos álbuns. Exemplos foram muitos, entre eles destacam-se o álbum duplo de 1972 com integrantes ainda desconhecidos, uma capa sem o nome ou imagem dos artistas, mas com um conteúdo sonoro atemporal. Ou em “Milagre dos Peixes”, um dos mais belos projetos gráficos da discografia do grupo, feito sob pesada censura. Tudo isso complementou a obra musical de cada um dos autores, fazendo do LP um objeto que atinge a percepção tanto auditiva quanto visual e algumas vezes até mesmo de forma tátil.

Outro fato descoberto durante o estudo foi o fato de uma das possíveis fontes de pesquisa, a mais antiga rádio de Minas Gerais, não possuir mais nenhuma capa sequer de todos os discos que passaram por sua discoteca nos últimos oitenta anos. Todo o acervo da rádio teve o áudio digitalizado e os

59.  
Luiza Possi é uma cantora e compositora brasileira natural do Rio de Janeiro.

60.  
Mariana Baltar é uma cantora, atriz e bailarina carioca.

61.  
Ivete Sangalo é uma cantora, compositora e empresária natural de Juazeiro, Bahia. Ex-integrante da Banda Eva. Em 1999 lançou-se em carreira solo.

62.  
Paula Santoro é uma cantora mineira natural de Belo Horizonte. Tem participações anteriores em discos homenagem a Fernando Brant, à Bossa Nova, do grupo Nós e Voz, além de álbuns em carreira solo.

63.  
Contração da expressão inglesa *Low Fidelity* ou Baixa fidelidade de som. Tem significado contrário a *Hi-Fi* ou *High Fidelity* que significa Alta fidelidade de som.

discos e capas foram doados. Isso fez com que a pesquisa dos arquivos sonoros e capas fosse realizada com a ajuda de diversos colecionadores espalhados pelo Brasil, os quais gentilmente disponibilizaram imagens das capas, encartes e material sonoro dos discos.

Difícil hoje determinar se o Clube da Esquina, enquanto coletivo de artistas, teve um fim. Alguns pesquisadores afirmam que seu último encontro, de fato, foi em 1978 com a gravação do disco “Clube da Esquina 2”. Outros dizem que ele durou até os anos 1980 e foi se dissolvendo à medida que seus integrantes partiam para seus projetos pessoais com outras parcerias pelo Brasil e exterior. O que muitos concordam é que atualmente o Clube da Esquina é um patrimônio cultural de Minas Gerais e da humanidade.

Talvez a mais bela definição seja a de Márcio Borges quando diz que o Clube da Esquina é uma reunião de amigos que tem a música como elemento em comum.

Assim, o Clube está aí e foi revisitado nas inúmeras vezes em que seus componentes decidiram se reunir e lembrar seus trabalhos dos anos 1970. É frequente o lançamento de edições comemorativas e de homenagens.

O Clube da Esquina também ganhou uma nova visibilidade após o lançamento do livro “Os sonhos não envelhecem”, de Márcio Borges, do bar-museu do Clube da Esquina no bairro de Santa Tereza, Belo Horizonte, e prossegue até mesmo com a perda física dos inesquecíveis Fernando Brant, em 2015, e Tavito, em 2019. Seu legado musical foi deixado a todas as gerações que vieram após aquele tempo que, segundo Márcio Borges, foram tempos terríveis, mas os melhores anos de suas vidas.

## REFERÊNCIAS

ALLOA, Emmanuel (org.). *Pensar a imagem*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BORGES, Márcio. *Os sonhos não envelhecem*: histórias do Clube da Esquina. São Paulo: Geração Editorial, 2010.

CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.



CAYMMI, Stella T. **Biografia Beto Guedes**. 1997. Disponível em: [http://www.betoguedes.com.br/files/biografia\\_beto.pdf](http://www.betoguedes.com.br/files/biografia_beto.pdf). Acesso em: 1 jun. 2019.

DINIZ, Sheila Castro. **Nuvem Cigana: a trajetória do clube da esquina no campo da MPB**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.

DINIZ, Sheila Castro. **Entre o Rio e Minas: a Bossa Nova nas Geraes**. Maringá, Paraná: Revista Urutágua, n. 15, 2008.

FABRIS, Annateresa. **Identidades virtuais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MELO, Chico Homem de (org.). **O design gráfico brasileiro: anos 60**. São Paulo: Cosac Naif, 2008.

MELLO, Zuza Homem de. **A era dos festivais: uma parábola**. São Paulo: Editora 34, 2003.

MOREIRA, Maria Beatriz Cyrino. **Fusões de gêneros e estilos na produção musical da banda Som Imaginário**. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Estadual de Campinas, Unicamp, Campinas, 2011.

NICODEMO, Thaís Lima. **Terra dos pássaros: uma abordagem sobre as composições de Toninho Horta**. 2009. 215 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2009.

RIBEIRO, Solano. **Prepare o seu coração: A história dos grandes festivais**. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

SANTANA, Valéria Nanci de Macedo. Os Fatores Projetuais de Criação da Capa do Disco Clube da Esquina (1972). In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41, 2018, Joinville. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1399-1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2019.

SANTANA, Valéria Nanci de Macedo. **Pelo olhar de cafi: o processo criativo das capas de discos da geração clube da esquina**. Tese (Doutorado Cultura e Artes) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia paráfrase e Cia**. São Paulo: Ática, 1988.

STARLING, Heloísa Maria Murgel. Coração americano: panfletos e canções do Clube da Esquina. In: REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; SÁ MOTTA, Rodrigo Patto (org.). **O golpe a ditadura militar 40 anos depois (1964-2004)**. Bauru, SP: Edusc, 2004.

#### MATÉRIAS ONLINE

**Festivais da canção.** Disponível em: <http://elizabethdiariodamusica.blogspot.com/2011/01/os-festivais-de-musica-popular.html>. Acesso em: 10 maio 2019.

**História-depoimento:** Pacífico Mascarenhas. 18/11/2004. Disponível em: <https://acervo.museudapessoa.org/pt/conteudo/historia/tudo-comecou-com-serenatas-de-amor-45534>. Acesso em: 11 maio 2022.

**Milton Nascimento.** Disponível em: <http://www.miltonnascimento.com.br/vida.php?n=5>. Acesso em: 4 maio 2019.

#### VÍDEOS

A HISTÓRIA DE TONINHO HORTA. Reinflexões. **Youtube**. 12 out. 2017. 59min.46s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=shIK1qmG5d4&list=PLSCAw7bhVHlW4Ft9vs-31dixVdW1wHwST&index=33&t=70s>. Acesso em: 30 abr. 2019.

CLUBE DA ESQUINA: guia semi-definitivo - PARTE 1. Lucas Cardoso. **Youtube**. 19 abril 2018. 13min.7s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RWeRVKrhUXI>. Acesso em: 19 abr. 2019.

DOCUMENTÁRIO: HISTÓRIA DO CLUBE DA ESQUINA - A MPB DE MINAS GERAIS. Mistério do Espaço e os Americanos Banda Morta. **Youtube**. 25 fev. 2015. 44min.59s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SACaczm6gA4&list=PLSCAw7bhVHlW4Ft9Ivs31dixVdW1wHwST&index=47&t=831s>. Acesso em: 15 jun. 2019.

EM VISTA - CLUBE DA ESQUINA. TV UFMG. **Youtube**. 10 dez. 2012. 29min.44s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NoEvUoJShkg&list=PLSCAw7bhVHlW4Ft9Ivs-31dixVdW1wHwST&index=25&t=1375s>. Acesso em: 12 maio 2019.

FESTIVAIS DE MPB. Alberto Sobrinho. **Youtube**. 25 out. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCOGPr0USOYxqB4agQbXV4EQ>. Acesso em: 22 abr. 2019.

LÔ BORGES E O “DISCO DO TÊNIS” | ARTE NA CAPA. Canal Brasil. **Youtube**. 16 fev. 2019. 3min.13s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yd7EeLILBzk&list=PLSCAw7bhVHLW4Ft9Ivs31dixVdW1wHwST&index=42&t=0s>. Acesso em: 10 jun. 2019.

MILTON NASCIMENTO FALA SOBRE O ÁLBUM “CLUBE DA ESQUINA”. O SOM DO VINIL. Canal Brasil. **Youtube**. 31 out. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n8RT2KkHK5w&list=PLSCAw7bhVHLW4Ft9Ivs31dixVdW1wHwST&index=43&t=0s>. Acesso em: 31 maio 2019.

MINAS EM CONCERTO. Tadeu Camargo. **Youtube**. 5 nov. 2016. 59min.00s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=naKyvriZXwA&list=PLSCAw7bhVHLW4Ft9Ivs31dixVdW1wHwST&index=30&t=4s>. Acesso em: 17 abr. 2019.

SOBRE AMIGOS E CANÇÕES: A HISTÓRIA DO CLUBE DA ESQUINA. TV Puc – SP. **Youtube**. 26 jun. 2018. 44min59s. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=29X-U703n2\\_U](https://www.youtube.com/watch?v=29X-U703n2_U). Acesso em: 4 maio 2019.

